



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Os diferentes tipos de escrita psicográfica

Extraídos da obra
Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade

Não podemos ignorar que se pode escrever inconscientemente, quer segurando uma caneta ou um lápis, como habitualmente, quer pousando a mão sobre uma prancheta apoiada em três pés, um dos quais é substituído por um lápis. Então sem uma intervenção voluntária por parte do operador, o leve instrumento põe-se em movimento e traça letras ou desenhos complicados. Esse processo foi muito usado há uns quarenta anos e ainda é bastante utilizado na Inglaterra e na América. Eis um relato que descreve bem o fenômeno: (10)

(10) *Revue Spirite*, 1878, p. 248. Conhecemos o autor do relato, professor de grande valor e de uma sinceridade absoluta.

Faço questão de lembrar que só me decidi a recorrer ao espiritismo em desespero de causa e cansado de hipóteses razoavelmente ousadas, pareciam-me, sobre a natureza e a origem dos fenômenos de que falei (movimento de objetos sem contato). Ao tentar a aventura de experiências mediúnicas, estava, portanto, disposto a arriscar-me a resultados equívocos.

A prancheta que deveria servir-nos estava colocada de modo que fosse

quase impossível que a mão, levemente apoiada na borda inferior, puxasse para trás o lápis fixado na outra extremidade. Ora, assim que minha mulher a tocou com o dedo, a prancheta se pôs em movimento, começando com zigzagues e curvas, em todos os sentidos, como exercícios preparatórios, dir-se-ia; depois, logo pôs-se a escrever correntemente. Quanto a mim, nunca obtive sequer a barriga de um a. Particularidade a ser notada: as respostas solicitadas, na maioria das vezes, eram traçadas em espirais ou circularmente, às vezes em letras invertidas. O autor, fosse ele quem fosse, parecia gostar de vencer os obstáculos e dar provas da sua habilidade gráfica. Mas, suponhamos que isso nada prove e atribuamos essa exibição de destreza à eletricidade (ou ao inconsciente) desenvolvendo no médium um talento de que ele não suspeitava. Se em tais casos a eletricidade (ou o inconsciente), combinados com o desejo do médium, desempenham o papel que os incrédulos lhe atribuem, como explicar, por exemplo, a parada imediata e definitiva da prancheta após respostas como esta:

— Até amanhã, até à vista, por hoje chega; preciso deixá-los. Como explicar a recusa categórica a responder a certas perguntas? Não há desejo, insistência ou ressentimento dos interrogadores que adiante; a prancheta não funciona mais. E, se foi fixada uma hora, somente na hora marcada ela se decide a pôr-se novamente em movimento. Constatei isso muitas vezes no decorrer das nossas experiências a dois.

O sr. Aksakof, cuja experiência nessas matérias é muito grande, chega às mesmas conclusões: (11)

(11) Aksakof, *Animisme et Spiritisme*, p. 381.

Sendo todas as condições absolutamente as mesmas, frequentemente acontece que numa determinada sessão, quando tudo o que se deseja é assistir aos fenômenos obtidos na sessão precedente, não se obtém qualquer resultado, não há o mínimo movimento da mesa ou do lápis que o médium segura. É notório que muitas vezes um desejo intenso só prejudica as manifestações.

Estas, quando se produzem, não podem continuar ao bel-prazer dos assistentes. Assim, quando o espírito que se manifesta por uma comunicação escrita avisa que terminou, o lápis para — ou cai da mão do médium, se este está em transe — e repetireis em vão vossas perguntas, a

mão não se mexe mais. O mesmo acontece numa sessão de efeitos físicos. Tão logo o fim é anunciado (por exemplo, pela palavra acabou, como era hábito na família Fox — Missing Link, p. 53), a mesa volta a ficar imóvel, e é inútil ficardes lá, ou tentar fazê-la mover-se: não se produz mais nenhum som, nenhum movimento.

O sr. William Howitt, um escritor apreciado na Inglaterra, numa carta endereçada ao reverendo B. H. Forbes, (12) diz:

(12) *Spiritual Magazine*, setembro de 1863.

Conheço várias pessoas que escrevem, desenham e pintam sem qualquer esforço da sua parte, algumas sem jamais ter estudado desenho. Escrevi um volume inteiro sem ter necessidade de pensar nele e de modo completamente mecânico; executei uma série de desenhos circulares, cheios de pequenos objetos, todos diferentes uns dos outros, sendo os círculos formados tão regularmente quanto um compasso poderia produzi-los; no entanto, eram simplesmente feitos a lápis. Artistas aos quais os mostrei declararam que uma nova faculdade se revelara em mim; mas, infelizmente, a faculdade desapareceu, como se para provar que não me pertencia. Os desenhos ainda existem, mas eu não seria capaz de fazer uma única cópia, mesmo que minha vida dependesse disso.

Um parente nosso desenhou coisas lindas e extraordinárias, bem como legendas escritas da mesma maneira mecânica e involuntária; de modo que, em sua maioria, esses desenhos são acompanhados de notas explicativas, sendo que cada linha tem um sentido profundo. Vi a maior parte das manifestações produzidas pelos srs. Home, Squires e outros. Vi mãos de espíritos, toquei-as em várias ocasiões. Vi escritas traçadas pelos espíritos em papel posto no chão com um lápis.

Um certo sr. Salgue, de Angers, também escrevia em 1868: (13)

(13) *Revue Spiritualiste*, 1868.

Temos, num círculo privado, uma jovem senhora, médium escrevente da maior capacidade, que gostamos de utilizar a metade do tempo, porque o que ela escreve, por meio da cestinha, com espantosa rapidez, é incontestavelmente produto dos espíritos, principalmente quando a escrita se processa em círculos, em espirais ou começa pela última letra da última palavra de uma frase, indo da direita para a esquerda.

Os caracteres da escrita nem sempre são traçados normalmente, como

acabamos de constatar, e é um fato que se produz com freqüência suficiente para ter atraído a atenção dos observadores. O sr. F. W. Myers diz a esse respeito: (14)

(14) Myers, Proceedings, Automatic Writting, 1855.

Às vezes, a palavra ou mensagem que é escrita torna-se ininteligível; pode então ser abandonada como um contra-senso, mas um minucioso exame posterior mostrará que há um método nessa aparente confusão: a palavra foi simplesmente soletrada às avessas. Por exemplo, etion por noite etc.

Na Revista Espírita, (15) temos um testemunho análogo do sr. cel. Devolluet, observação que ele fez com sua paciente, Amélie:

(15) Revista Espírita, 1878.

Enquanto conversamos com as senhoras, Amélie continua empunhando o lápis e nos chama a atenção para uma frase em língua estrangeira que ela acaba de obter. Nossa surpresa é enorme, mas logo que observamos as palavras enq e ue, que se repetiam duas vezes, achamos a pista: tratava-se de escrita às avessas, de que Amélie nunca tinha ouvido falar. A tradução era:

— Que desejais que eu faça para agradar-vos? Caros amigos, como eu vos amo!

Voltemos agora ao sr. Myers:

A par da escrita às avessas já descrita, o automatista por vezes produzirá uma forma de escrita invertida, de uma maneira bem mais complexa, ou seja, para lê-la será necessário olhar através do papel, diante de uma luz, ou segurá-lo diante de um espelho. Conheço uma senhora que fazia rústicos desenhos automáticos, toscas figuras egípcias (interessantes sob outro ponto de vista, mas a princípio estranhas para mim). Entre essas figuras havia um ornato arquitetônico, com o que parecia ser uma inscrição hieroglífica. Essa senhora e seus amigos, levando a coisa muito a sério, tiveram bastante trabalho tentando decifrar esses caracteres a partir das analogias egípcias, sem consegui-lo. Alguns meses depois, uma pessoa bem informada sobre a escrita automática, pôs o papel diante da janela e leu facilmente o que era um nome inglês na escrita em espelho.

Um amigo nosso, muito conhecido, citou-me um caso em que a primeira experiência de escrita fora desse tipo. Ei-lo: "Uma irmã nossa, casada

com um clérigo, tentava convencer-me de que toda escrita dita automática, de certa maneira inconsciente era apenas o ato do médium, por cuja mão era obtida, e, como prova, disse:

— Se empunhasse um lápis, minha mão nada escreveria, a menos que eu o desejasse.

Pegou um lápis e papel; logo sua mão começou a mover-se apesar de todos os seus esforços para detê-la, e depois de vários rabiscos em círculos e em ziguezues, produziu algo que se parecia com escrita, mas que ninguém conseguiu decifrar. Ela parou de ocupar-se com isso, mas, ao fim de algum tempo, um de nós sugeriu que ela podia ter escrito às avessas e, segurando o papel diante de um espelho viram-se, bem legíveis, estas palavras:

— Tens razão, meu nome é Herman."

Antes que isso fosse escrito, ela tinha pedido ao suposto espírito que dissesse seu nome e tinha zombado da sua aparente falta de habilidade para responder. Nenhum de nós se lembra de ter conhecido um vivo ou um morto com esse nome: Algernon jay.

O sr. Aksakof, por sua vez, assinala o mesmo fenômeno. (16)

(16) Aksakof, *Animisme et Spiritisme*, p. 476.

Eis aqui — diz ele — um fato que recebi em primeira mão do nosso conhecido escritor Wsevolod Solovioff, que me deu por escrito:

"Estávamos no ano de 1882. Nessa época, ocupava-me com experiências de magnetismo e de espiritismo, e já há algum tempo sentia um estranho impulso que me levava a pegar um lápis com a mão esquerda e escrever; e, invariavelmente, a escrita se produzia muito rapidamente e com nitidez, em sentido inverso, da direita para a esquerda, de modo que só se conseguia lê-la segurando-a contra um espelho ou contra a luz..."

Às vezes a escrita mecânica, sem apresentar essas singularidades gráficas, varia no médium de modo a diferenciar-se profundamente da sua própria escrita, conforme as individualidades que se utilizam desse meio para transmitir-nos suas idéias. Bons exemplos disso nos são fornecidos pelo reverendo Stainton Moses no seu livro.

O reverendo Stainton Moses (A. Oxon) (17) era um dos mais notáveis escritores do espiritismo inglês, e pode-se dizer que, por sua elevação de pensamento, pela retidão do seu julgamento, pelos seus conhecimentos

científicos e pela pureza da sua vida, soube inspirar uma simpatia universal.

(17) Stainton Moses, *Enseignements Spiritualistes*, p. 21 e segs.

Na sua obra, vemos a luta que se estabeleceu, desde o início, entre o médium e as inteligências que se manifestavam por seu intermédio. Imbuído dos limitados ensinamentos da teologia protestante, o escritor, a princípio, levanta-se energicamente contra as idéias novas que lhe chegam. Discute, argumenta, tenta refutar seus instrutores espirituais; insensivelmente, porém, é obrigado a admitir que a razão, a lógica não estão do seu lado, e depois de muitas lutas acaba por adotar o novo credo, mais em conformidade com a justiça e a bondade de Deus, que lhe mostram seus correspondentes invisíveis. Entre o espírito do reverendo Stainton Moses e os seres que se assinam Doctor, Imperator, Prudens etc., existem diferenças tais que não se pode cientificamente atribuir essas personalidades distintas a desdobramentos inconscientes da personalidade do médium. Aliás, em ocasiões diferentes essas inteligências lhe revelaram fatos absolutamente desconhecidos por ele e por todos os assistentes, os quais foram a seguir reconhecidos inteiramente exatos. Mais tarde voltaremos ao assunto. (18) Cada um dos interlocutores espirituais caracterizava-se por uma escrita especial, que era sua marca pessoal, sua chancela de individualidade.

(18) Ver: Terceira parte, cap. IV.

As primeiras comunicações — diz ele — foram todas num estilo uniforme, escritas em caracteres pequenos e assinadas Doctor (o instrutor). Nos anos seguintes, a forma das mensagens nunca mudou. Não importava onde, nem quando escrevia, sua escrita continuava idêntica, passando por menos mudanças do que a minha na última década. A maneira de expressar-se era sempre a mesma, concisa, sentia-se que se estava diante de uma individualidade bem determinada. Para mim, é alguém com particularidades mentais e morais tão nitidamente definidas quanto a dos seres humanos com os quais estou em contato, se não o ofendo comparando-o a eles.

Após um certo tempo, chegaram comunicações de outras fontes; distinguam-se uma da outra por sua escrita peculiar e por traços pessoais de estilo e de expressão, que, uma vez assumidos, permaneceram

invariáveis. Conseqüentemente, cheguei a conseguir dizer quem as escrevia, bastando ver a caligrafia.

Mas, apesar dessas diferenças gráficas e intelectuais entre as diversas comunicações, o reverendo Stainton Moses não era homem que se contentasse com um exame superficial; seu espírito metódico levava-o a pesquisar qual poderia ser a participação da sua inteligência no fenômeno, e anotou suas impressões da seguinte maneira:

É interessante saber se minhas próprias idéias não tiveram uma influência qualquer nos assuntos tratados nas comunicações. Fiz um esforço extraordinário para prevenir tal eventualidade. No início, a escrita era lenta e eu precisava acompanhá-la com os olhos, mas, mesmo nesse caso, as idéias não eram minhas. Aliás, as mensagens logo assumiram um caráter quanto ao qual eu não poderia ter dúvidas, uma vez que as opiniões enunciadas eram contrárias ao meu modo de pensar. Empenhava-me em ocupar meu espírito enquanto a escrita se produzia. Cheguei a ler uma obra abstrata, a acompanhar um raciocínio denso, enquanto minha mão escrevia com uma regularidade constante. As mensagens assim transmitidas cobriam numerosas páginas, sem correções, nem erros de redação, num estilo freqüentemente belo e vigoroso. No entanto, não me sinto embaraçado ao admitir que meu próprio espírito era utilizado, e que o que era ditado podia depender, quanto à forma, das faculdades mentais do médium. Pelo que sei, sempre se pode encontrar indícios de particularidades do médium nas comunicações assim obtidas. E não pode mesmo ser de outra forma. Mas, fica a certeza de que as idéias que passaram por mim eram, em sua totalidade, hostis, opostas às minhas convicções firmadas. Além disso, em várias ocasiões, informações que certamente me eram alheias foram-me transmitidas, claras, precisas, definidas, fáceis de verificar e sempre exatas. Em muitas sessões, espíritos vinham e por pancadas na mesa davam informações sobre si mesmos, bem nítidas, como verificávamos a seguir. Em várias oportunidades, eu também recebi informações pela escrita automática.

Como é fácil ver, o reverendo Stainton Moses é um investigador metódico em quem se pode confiar, e como ele declara estar certo de que as comunicações não são dele, seja quanto à escrita, seja quanto ao fundo,

como afirma que as inteligências que lhe dirigiam a mão indicaram-lhe coisas exatas que ele ignorava, deve-se admitir que os espíritos se manifestam, apesar da contrariedade que isso possa causar naqueles que vêem assim caírem suas negações fantasiosas.

A teoria de um desdobramento do eu, dando origem a uma personagem secundária, aqui é evidentemente insuficiente, porque não é mais uma única individualidade que aparece, mas várias, tendo cada uma delas sua característica especial, que se revela não somente por uma escrita particular, mas também por um estilo que se mantém durante anos, sempre idêntico. Pode-se conceber a coexistência de tantas personalidades separadas e tão diferentes num indivíduo que goze da integralidade das suas faculdades normais? Para explicar todos os fatos que devemos à observação espírita, seria preciso estender mais os poderes dessa subconsciência e supor que ela seja capaz de agir, simultaneamente e sem sabê-lo, fora e dentro do organismo do médium. Eis uma prova que devemos a W. Crookes: (19)

(19) Crookes, William, *Recherches sur le Spiritualisme*, p. 100 e segs.

Já foi provado que os fenômenos espíritas são governados por uma inteligência. É muito importante conhecer a origem dessa inteligência. Será a do médium ou a de uma das pessoas que estão no aposento, ou bem essa inteligência estará fora deles? Sem querer pronunciar-me definitivamente quanto a este ponto, posso dizer que, embora tendo contatado que em muitos casos a vontade e a inteligência do médium aparentavam ter bastante atuação nos fenômenos, observei também vários casos que parecem mostrar de maneira conclusiva a ação de uma inteligência externa e alheia a todas as pessoas presentes. (20) O espaço não me permite expor aqui todos os argumentos que se pode apresentar para provar essas afirmações, mas, entre numerosos fatos, citarei livremente um ou dois.

(20) Desejo que se compreenda bem o sentido das minhas palavras: não quero dizer que a vontade e a inteligência do médium empenham-se ativamente, de modo consciente, ou desleal, na produção dos fenômenos, mas bem que às vezes acontece que essas faculdades pareçam agir de um modo consciente. (Nota de W. Crookes.)

Na minha presença, vários fenômenos produziam-se ao mesmo tempo, e

o médium não tinha conhecimento de todos. Aconteceu-me ver a srta. Fox escrever automaticamente uma comunicação para um dos assistentes, enquanto uma outra comunicação sobre outro assunto, para outra pessoa, lhe era transmitida por meio do alfabeto e por pancadas, e durante todo o tempo o médium conversava com uma terceira pessoa, sem qualquer dificuldade, sobre um assunto completamente diferente dos dois outros...

Na minha presença, vários fenômenos produziam-se ao mesmo tempo, e o médium não tinha conhecimento de todos. Aconteceu-me ver a srta. Fox escrever automaticamente uma comunicação para um dos assistentes, enquanto uma outra comunicação sobre outro assunto, para outra pessoa, lhe era transmitida por meio do alfabeto e por pancadas, e durante todo o tempo o médium conversava com uma terceira pessoa, sem qualquer dificuldade, sobre um assunto completamente diferente dos dois outros...

Podemos relatar mais alguns testemunhos da mesma espécie, colhidos em diferentes autores dignos de todo crédito.

Lembro-me bem exatamente — diz o dr. Wolfe (21) — que um dia o sr. Mansfield, enquanto escrevia com as duas mãos em dois idiomas, me disse:

(21) Wolfe, *Startlings Facts in Modern Spiritualism*, Cincinnati, 1874, p. 48, citado por Aksakof.

— Wolfe, você conhece na Colômbia um homem chamado Jacobs?

Respondi afirmativamente. Ele continuou:

— Ele está aqui e quer comunicar-lhe que deixou seu despojo mortal está manhã.

Tive a confirmação da notícia. O fato acontecera a algumas centenas de milhas de distancia. Que explicação se pode dar a esta tripla manifestação intelectual?

O reverendo J. B. Fergusson depõe sobre um fato semelhante. (22) Um caso análogo ocorrido na Inglaterra é narrado nos *Proceedings da Sociedade de Pesquisas Psíquicas*. Na América, R. Hodgson, um dos mais eminentes membros dessa sociedade, ao experimentar com a sra. Piper, conseguiu acompanhar com ela o desenvolvimento da mediunidade automática. Apresentamos aqui um resumo da sua dissertação, publicada nos *Proceedings*, (23) que nos familiariza com as diversas fases que o fenômeno pode apresentar.

(22) Fergusson, *Supra Mundane Facts*, Londres, 1805, p. 57, citado por Aksakof.

(23) *Proceedings*, 1878, p. 222.

Observações do sr. R. Hodgson sobre a mediunidade da sra. Piper. O primeiro caso de escrita automática que me foi dado observar pessoalmente produziu-se a 12 de março de 1892.

O assistente, que era uma senhora, tinha trazido, como meios de prova, diversos objetos, entre os quais um anel que havia pertencido a Annie D.

Phinuit (24) deu informações sobre aquela mulher e pronunciou o nome Annie, depois, no momento em que a sessão ia encerrar-se, a mão direita da sra. Piper pôs-se em movimento delicadamente, até elevar-se acima da cabeça. O braço pareceu fixar-se rigidamente nessa posição, como se contraído por um espasmo, ao passo que a mão estava agitada por um tremor rápido. Phinuit escreveu várias vezes:

(24) Phinuit era uma personalidade invisível manifestando-se pela voz da sra. Piper e dizendo ser um doutor francês, falecido em meados do séc. XIX.

— Ela está segurando minha mão — e acrescentou: — ela quer escrever.

Pus um lápis entre os dedos e um bloco de anotações sobre a cabeça, abaixo do lápis. Nenhuma escrita se produziu, até que, aconselhado por Phinuit a segurar a mão, segurei-a com firmeza, no ponto de junção com o pulso, interrompendo assim os tremores, ou vibrações. Então ela escreveu: — Sou Annie D... (o nome foi transmitido exatamente). Não estou morta... Não estou morta, mas viva... não estou morta... o mundo... até breve... sou Annie D...

Os dedos largaram o lápis e Phinuit começou a murmurar:

— Baixe minha mão. Baixe minha mão.

O braço continuou contraído por mais alguns instantes, na mesma posição, depois, enfim, delicadamente e aparentando certa dificuldade, caiu para o lado, e pareceu que Phinuit recuperara seu domínio sobre ele.

Antes desse fato, eu tinha visto Phinuit escrever um pouco, mas não sabia que um outro agente tinha se apoderado da mão, enquanto Phinuit se manifestava ao mesmo tempo? Por essa época, soube pela srta. A. M. R., de quem descrevi no meu primeiro relatório algumas experiências com a sra. Piper, que seu amigo H..., de quem ela fala como tendo escrito

enquanto possuía o corpo do médium, na ausência de Phinuit, escreveu várias páginas, no dia 23 de maio de 1891, e a srta. R... encontrou a nota que havia redigido a esse respeito: Escreveu enquanto Phinuit ocupava o corpo; mas H... diz que ele pegou, dirigiu a mão e escreveu isto.

Nas semanas seguintes, durante várias outras sessões, muita escrita foi obtida exatamente pelo mesmo processo, tendo sempre o bloco de notas no alto da cabeça, e era evidente que Phinuit sentia muito menos dificuldades. A 29 de abril de 1892, aproximei uma mesa sobre a qual o braço direito da sra. Piper pôde apoiar-se sem problemas e expus a opinião de que a mão poderia escrever sobre a mesa em vez de fazê-lo sobre a cabeça. No entanto, o braço retomou de novo sua posição, com a mão acima da cabeça, com Phinuit dizendo que Georges Pelham (25) ia escrever. Pouco a pouco, diante do meu repetido pedido para que o braço retomasse sua nova posição, e também utilizando uma força bastante considerável, a resistência diminuiu diante das reiteradas solicitações que eu fazia, repetindo: você deve escrever sobre a mesa. Consegui baixar o braço e, a partir desse momento, a escrita se produziu do modo habitual, com o braço apoiado mais ou menos numa mesa colocada à direita da sra. Pipper.

(25) Georges Pelham é o pseudônimo de um amigo do sr. Hodgson, morto inesperadamente alguns meses antes, e que forneceu — durante o transe da sra. Piper — os mais circunstanciados detalhes, que permitiram estabelecer-lhe a identidade intelectual e moral. Mais tarde voltaremos à observação desse caso notável.

Quando o braço é apanhado para escrever, assim como no momento em que Phinuit toma posse do corpo, produz-se um certo número de movimentos espasmódicos, em alguns casos bem violentos, que rejeitam confusamente a mesa, o lápis e o bloco de notas e exigem uma força notável para serem contidos. Às vezes, mas muito raramente, a escrita é interrompida por um movimento espasmódico do braço, a mão resistindo violentamente e voltando-se para o pulso. Ao fim de pouco tempo, que podemos estimar mais por segundos do que por minutos, o espasmo relaxa e a mão recomeça a escrever. Phinuit não precisa parar de conversar enquanto a mão escreve. Numa ocasião, na minha presença, Phinuit escutava a leitura do relatório estenografado de uma sessão

precedente, fazendo suas observações, acrescentando detalhes aos fatos relatados, e ao mesmo tempo a mão escrevia livremente e com rapidez sobre outros assuntos, respondendo às perguntas de outra pessoa, amiga do espírito desencarnado que se servia da mão do médium. Isso durou mais de vinte minutos.

Em outro caso, ao qual não assisti, soube que Phinuit, por mais de uma hora, falou de um modo singularmente rápido e animado, com uma volubilidade maior do que costumava fazê-lo, respondendo a várias moças que estavam presentes à sessão, e durante todo o tempo a mão escrevia sobre outras matérias, dando respostas a uma outra pessoa.

O único que não conservou sua presença de espírito foi o assistente ao qual a mão respondia e que o repreendeu por não prestar bastante atenção à conversa.

Muitas vezes constatei que enquanto Phinuit falava com uma pessoa e a mão com outra, ambos, durante uma breve interrupção, e ao mesmo tempo, dirigiam-se a mim; essa dupla ação nunca deixou de produzir-se a meu pedido, quando Phinuit estava presente e a mão estava sob o poder de um outro espírito. Em todos os casos em que a mão escreve independentemente de Phinuit, a faculdade de ouvir reside claramente na mão, quanto a quem a dirige, ao passo que Phinuit sempre ouve certamente por via normal. Esse deslocamento de sensibilidade será objeto de um estudo na segunda parte do meu relatório.

As comunicações escritas de que falamos nem sempre se apresentam como provenientes da mesma pessoa e não se produzem em todas as sessões. Quando uma ocorre, ela é comumente atribuída a algum amigo falecido do assistente. Eu precisaria ir mais longe quanto às particularidades apresentadas pela escrita em si. Por enquanto, basta-me dizer que ela varia muito de aspecto conforme o grau de excitação, se assim se pode dizer, do comunicante, conforme a menor ou maior habilidade que ele já tenha adquirido, e provavelmente, também, segundo muitas outras condições que só podemos citar a título de hipóteses. Além disso, pareceria que até quando a instruímos de um modo qualquer, a quase-personalidade que guia a mão ignora que ela escreve. Quanto a isso, o modo de ser do comunicante, sobretudo, parece indicar uma viva preocupação de transmitir suas idéias ao assistente.

Estou absolutamente certo de que é assim, seja qual foi, a teoria que se adote sobre a identidade do comunicante, quer seja o que ele afirma ser, ou simplesmente uma outra camada da consciência da sra. Piper, considerando-se ela própria como uma inteligência estranha.

Pouco depois desse início da escrita, ocorreu-me constatar que a mão esquerda podia escrever, e mesmo que as duas mãos escreviam e que Phinuit falava, ao mesmo tempo, sobre assuntos diferentes, com pessoas diferentes. Comentei com Phinuit que eu não desistia de ver um dia cada dedo e cada artelho agindo sob outros tantos agentes distintos, enquanto que ele continuaria a dirigir a voz.

A 24 de fevereiro de 1894, o que nós chamamos de controle. E' escreveu, entre outras observações sobre certos médiuns: Nos casos desse tipo, não há razão alguma que se oponha ao fato de diversos seres espirituais poderem expor suas idéias ao mesmo tempo através do mesmo organismo. Apresentei então meu projeto de experiências sobre as duas mãos, dizendo que me propunha a organizar um dia uma experiência em que 'E' se serviria de uma mão e Georges da outra, mas que, para o momento, não tinha tomado as providências necessárias para fazer uma tentativa desse gênero. Na sessão seguinte, a 26 de fevereiro de 1894, estando só e não contando com nada, foi feita, logo no início da sessão, uma tentativa de escrever com as duas mãos independentemente, coroada apenas de um êxito bem limitado. A 8 de março de 1895, tendo-me feito acompanhar, com esse propósito, pela srta. Edmonds, fiz uma segunda tentativa que obteve um resultado muito mais satisfatório. Sua falecida irmã escreveu com uma mão, Georges Pelham com a outra, enquanto Phinuit conversava simultaneamente e sobre assuntos diferentes. É verdade que a mão esquerda escreveu muito pouco. O que pareceu principalmente provocar esse resultado, foi que a mão esquerda não estava de modo algum adaptada ao papel de máquina de escrever.

Às vezes, pouco antes que a mão se ponha a escrever, Phinuit nos anuncia que alguém vem para conversar com o senhor. Em outras ocasiões, a mão é tomada, agita-se convulsivamente em todos os sentidos, enquanto Phinuit, inconsciente do que se passa, fala sem interrupção com um assistente, mesmo quando a escrita já começou.

Eis um exemplo impressionante desse fato: numa sessão em que uma

senhora envolvida a fundo numa conversa muito pessoal com Phinuit a respeito de seus pais, e a que eu estava presente e a que assistia porque conhecia intimamente aquela senhora e toda a sua família, a mão foi tomada com grande delicadeza, por assim dizer, sub-repticiamente, e escreveu uma comunicação muito pessoal, dirigida a mim, apresentando-se como proveniente de um amigo meu já falecido, que não tinha qualquer relação com a senhora que evocava, absolutamente como se um visitante entrasse num salão onde duas pessoas que lhe eram estranhas estivessem conversando, mas onde também encontraria um amigo, em cujo ouvido murmurasse uma comunicação, de modo a não perturbar a conversa das duas primeiras pessoas.

No entanto, quando chega um novo comunicante, Phinuit geralmente pede ao evocador que fale com ele (com o que escreve) embora não se recuse a participar também da conversa quando lhe pedem. Parece mesmo preferir que seja assim; mas se o evocador parece voltar a atenção principalmente para a mão, Phinuit faz geralmente alguma observação enigmática: Eu o ajudarei, ou então: Eu o ajudarei a sair-se bem. Outras vezes, Phinuit pedirá que lhe dêem um objeto qualquer, de modo a segurar algo que lhe prenda a atenção, e o vi, no meio de uma sessão, enquanto a escrita seguia seu curso, de repente deixar escapar uma observação a respeito desse objeto. Em certos casos, Phinuit pode seguramente ser tirado do seu silêncio e retoma a conversação, enquanto a escrita continua imperturbavelmente sem hora para acabar.

Como se vê, estamos bem distantes, aqui, dos casos simples assinalados por Taine ou pelos observadores que não se dignaram compulsar a rica bibliografia espírita. Encerramos esta breve revisão com um caso recente, que de certa forma resume tudo o que acabamos de ver nas observações particulares. Parece-nos que, para ser compreendido, ele necessita absolutamente de inteligências alheias ao médium. (26)

(26) II Vessilo Spiritualista, dezembro de 1898, p. 3.